26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 11 – Informação & Saúde

INFOMEMÓRIAS EM PRÁTICAS DE SAÚDE NO CANDOMBLÉ

INFOMEMÓRIES IN HEALTH PRACTICES IN CANDOMBLÉ

Dulce Edite Soares Loss – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Carlos Xavier de Azevedo Netto – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A presente comunicação busca evidenciar as infomemórias sobre as práticas em saúde realizadas no cotidiano de um terreiro de Candomblé e tem como objetivo investigar o modo como elas são produzidas a fim de problematizar formas não hegemônicas de cuidado em saúde. Nesta religião, as práticas em saúde acarretam infomemórias sobre saberes ancestrais relacionados ao uso de ervas, raízes, flores e banhos, assim como as indicações de ritual terapêutico de *bori* (agrado à cabeça) e iniciações para o *Òrìṣà*. O estudo está ancorado na Ciência da Informação, considerando a dimensão infomemorial dos cuidados em saúde oriunda da diáspora negra. Com uma abordagem qualitativa exploratória, na produção de dados, uma pesquisa bibliográfica foi realizada, seguida de entrevistas com três *Ìyálórìsàs* de raiz *Ketu e Angola*. O resultado apreendido revela que, por meio de ervas e ritos, se edifica uma promoção de saúde entre os/as adeptos/as desta religião. Concluímos que, ao adentrar num terreiro de Candomblé, os sujeitos adquirem infomemórias na relação "corpo/mente/*òrìṣà*", abrindo uma nova opção no que tange às opções terapêuticas voltadas à saúde.
Palavras-chave: infomemória; saúde; saberes ancestrais.

Abstract: This communication seeks to highlight infomemóries about health practices carried out in the daily life of a Candomblé terreiro (religious center) and seeks to investigate how these practices are produced in order to problematize non-hegemonic health care practices. In this religion, health practices involve infomemóries about ancestral knowledge related to the use of herbs, roots, flowers, and baths, as well as indications for the therapeutic ritual of bori (offering to the head) and initiations for the Òrìṣà. The study is

grounded in Information Science, considering the infomemorial dimension of healthcare originating from the Black diáspora. Using an exploratory qualitative approach, data was collected through bibliographic research, followed by interviews with three Ìyálórìsàs (priestesses) of Ketu and Angola lineage. The results reveal that through herbs and rituals, health promotion is built among the adherents of this religion. We concluded that upon entering a Candomblé temple, individuals acquire infomemories regarding the "body/mind/òrìṣà" relationship, opening up a new range of therapeutic options focused on health.
Keywords: *infomemory; health; ancestral kenowledge.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as infomemórias em saúde no culto a ancestralidade-Candomblé, o modo como elas são produzidas nas relações interpessoais no cotidiano de uma comunidade de *àṣẹ* por meio da socialização e comunicação existente entre os/as adeptos/as desta religião.

As práticas rituais e as relações interpessoais que são estabelecidas nos espaços de terreiro possibilitam, por meio de um processo infomemorial, trocas afetivas, produção de conhecimento, acolhimento, promoção à saúde e a prevenção de doenças e agravos, bem como a renovação de tradições milenares, sobretudo por meio do uso das plantas medicinais.

Destaca-se que a promoção da saúde nos espaços de terreiro é fundamental, pois permite a preservação da própria tradição religiosa, uma vez que o corpo, na ótica do Candomblé, extrapola a simples condição física e estética, sendo o principal elemento de ligação entre o ser humano e o sagrado. Na cosmologia africana, o corpo é a morada do *Òrìṣà* e a porta de comunicação entre os humanos e as divindades. Nesse contexto, a saúde é vivenciada pelos/as adeptos/as como o equilíbrio das forças vitais em harmonia com a natureza.

A Ciência da Informação é nossa referência para este estudo, pois compreende a informação como um fenômeno social advindo das distintas relações humanas. Nessa perspectiva, toda relação ou manifestação humana tem a capacidade de informar, uma vez que está revestida do potencial informativo indireto, diferenciando-se do potencial dos documentos, livros ou qualquer outro meio de difusão e disseminação de informação. Para Bertram Claude Brookes (1979), nas ciências, tem-se reconhecido que a fonte primária da informação não é a literatura das ciências, mas sim a observação relevante do fenômeno natural.

Neste sentido, pensar nas práticas em saúde em um terreiro de Candomblé é assentir a uma realidade sociocultural, em que os saberes ancestrais sobre saúde são infomemórias que advêm nas relações interpessoais no cotidiano de um terreiro e, tem um papel importante no sentido de conhecimento comunicado na sociedade do santo, na qual entendemos o conhecimento como sendo construído com base na percepção da estrutura de uma comunidade de terreiro, ou seja, com base na informação (Wersig; Neveling, 1975), produzida, distribuída e consumida.

Em relação às infomemórias na visão de Geysa Nascimento e Carlos Xavier de Azevedo Netto (2016), o testemunho da memória, enquanto guardiã do passado, acontece por meio da representação do conhecimento, sendo essa um atributo infomemorial. Para os autores, a memória não se limita a uma avaliação crítica do passado mediante uma cronologia, mas sim, estabelece com esse passado a socialização do diálogo, configurando dispositivos materiais e imateriais imbuídos de informação no tempo presente que alimenta a memória, facilitando o processo de acesso e recuperação da informação.

Dito isso, nossa vivência em uma casa de Candomblé, iniciada em 1993, permitiu-nos observar que o terreiro, enquanto espaço físico, é o local onde, por meio de infomemórias, se aprende a ter cuidados com o corpo para um equilíbrio das forças vitais, matéria/espírito. Nesse sentido, levantamos o seguinte questionamento: **como se dá a interação entre os saberes ancestrais e as práticas infomemoriais relacionadas à saúde, evidenciando práticas não hegemônicas de cuidado em saúde?**

A título de informação, as religiões de matriz africana são representações civilizatórias dos escravizados africanos que foram transpostos às Américas durante a diáspora negra para trabalho compulsório nesses países (Bastide, 1971). Estas representações foram ressignificadas à realidade da diáspora negra por meio de hibridizações, supressões e acréscimos de vários elementos.

Sendo assim, um terreiro de Candomblé, configura-se em um espaço social-político-cultural-infomemorial onde se aprendem, nas relações interpessoais, por meio da informação, saberes ancestrais em práticas de saúde e autoestima, valores comunitários e respeito à natureza, mediante uma postura ética específica.

Neste cenário, o presente artigo tem como objetivo geral investigar o modo como práticas em saúde no cotidiano de um terreiro de Candomblé são produzidas a fim de

problematizar formas não hegemônicas de cuidado em saúde. Destaca-se que, no cotidiano de um terreiro de Candomblé, uma multiplicidade de saberes em saúde se faz presente por meio da socialização e comunicação, enxergando-os em suas especificidades, e não em comparação ou juízo de valor cientifico.

Para José Marmo Silva (2007, p. 177):

> [...] as religiões afro-brasileiras possuem um modelo de cuidado e atenção à saúde que tem repercussão na melhoria da qualidade de vida dos adeptos e da comunidade do entorno. Os terreiros reúnem um repertório simbólico e real de alternativas de informação/educação/ atendimento na prática de lidar com a saúde e com a educação, podendo tornar-se importante instrumento estratégico para o enfrentamento de várias doenças e para a promoção da saúde.

Nesse contexto, busca-se compreender a relação entre a cosmologia religiosa no Candomblé e as concepções em práticas de saúde e cuidado. Para atingir essa compreensão, é preciso apreender modos de organização social, crenças, visão de mundo, detendo-se especialmente nos aspectos das informações associados com o complexo saúde-doença-cuidado.

2 METODOLOGIA

O estudo em tela é de caráter qualitativo exploratório, que, segundo Maria Cecilia Minayo (1993, p. 10), configura-se como um estudo capaz de "[...] incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais", tendo sido escolhido devido à flexibilidade, criatividade e informalidade que nos permitiram uma busca maior de conhecimento da temática proposta.

Já o caráter exploratório, de acordo com Antônio Gil (2017), tende a ser mais flexível em seu planejamento, pois pretende observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

A metodologia constou de uma revisão bibliográfica enfocando os teóricos: na informação, Bertram Claude Bookes (1979); na saúde no Candomblé, Miriam Alves e Nédio Seminotti (2009), Célio Garcia (2016); Juana Elbein dos Santos (1986); e Candomblé, Muniz Sodré (1988) dentre outros que consideram as práticas em saúde como uma construção socialmente e temporalmente circunstanciada.

Foi aplicada a técnica conhecida como informante-chave (*Key informant technique*) ou levantamento de opinião de especialista (*Expert-opinion survey*), o que nos foi muito útil, visto que os informantes são pessoas com conhecimento profundo, experiência e posição privilegiada e vivência no culto Candomblé que, possibilitaram respostas mais completas sobre a temática. Nesse contexto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mães/pais de santo, numa faixa etária de 50 a 70 anos, de nação Ketu, na cidade de João Pessoa - PB.

Em relação às entrevistas semiestruturadas, elas favorecem "não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade", além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, 1987, p. 152).

Norteando a pesquisa, fizemos uso da análise de conteúdo, com o intuito de sistematizar as falas, transformando-as em um documento-monumento, como assinala o historiador francês Jacques Le Goff (1992). O verdadeiro fim da análise de conteúdo é a interferência, dado que propicia a passagem da descrição à interpretação enquanto atribuição de sentido às características dos materiais que foram levantados, enumerados e organizados (Bardin, 1997).

Para além disso, no que se refere às minhas vivências e experiências no Candomblé, confesso que, por mais que tentasse me manter neutra, não pude desembaraçar-me da minha própria história e do meu conhecimento na troca de informações sobre a saúde no cotidiano do terreiro. Isso aconteceu perante as entrevistas gravadas e a escrita da temática. Sendo assim, longe de ser um viés a ser eliminado, esse 'ser afetada' (Favret-Saada, 2005) foi incorporado como ferramenta analítica. Dentre os conceitos utilizados: infomemórias, saúde, saberes ancestrais. Os participantes são codificados pelos nomes dos *Òrìṣàs* para os quais foram iniciados: *Yemọja*, *Oṣun*, *Òṣósi*.

3 DIÁSPORA NEGRA E OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Quando falamos em diáspora negra, configuramos o Atlântico como uma gigantesca "encruzilhada" (Simas; Rufino, 1967). Por ele, saberes ancestrais oriundos de outras terras, imantados nos corpos dos cativos, foram suportes de memórias e de experiências múltiplas africanas. Ao serem lançados em uma viagem sem volta, estes corpos reconstruíram-se no próprio curso do destino, recriando a si e ao mundo com os elementos de uma religiosidade

que tempos mais tarde forneceriam as configurações da religião praticada, o Candomblé, no Novo Mundo.

As informações na historiografia brasileira sobre a diáspora negra afirmam que, entre os séculos XVI e XIX os navios tumbeiros aportaram de três a quatro milhões de negros africanos (Alencastro, 2000; Bastide, 1971; Verger, 1987) rasgando o tecido cultural branco com manifestações de africanidade.

Apesar das diferenças étnicas que aqui aportaram, é fato que as reminiscências africanas, seus rituais, cultos, divindades e práticas em saúde foram agrupados em terreiros de Candomblé, que surgiu oficialmente na Bahia nas primeiras décadas do século XIX. Até então, a religião afro-brasileira estava presente em diversas regiões, mas com muita repressão (Verger, 1987).

De acordo com o pesquisador Muniz Sodré (1988, p. 334), um terreiro de Candomblé é uma associação litúrgica organizada (*egbé*); "ela tem em uma etimologia o significado de herança: é um bem ao conjunto de bens que se recebe do pai (*pater, patri*). Mas é também metáfora para o legado de uma memória coletiva, de algo culturalmente comum a um grupo". E ainda, os terreiros, para além de um espaço de resistência cultural negra, são polos de difusão de informações e trocas de saberes, que muitas vezes não são reconhecidos pela classe dominante (Sodré, 1988).

Nesse contexto, a cultura africana e sua religiosidade desaguam em terras brasileiras, mais precisamente nos terreiros de Candomblé, em uma recriação de uma África simbólica e mítica que foi, durante pelo menos um século, a mais completa referência cultural para o negro brasileiro (Bastide, 1971).

Fundamentada na tradição, hierarquia, oralidade e ancestralidade, a multiplicidade de saberes ancestrais no seio social destas comunidades denominadas Candomblé, circula sob diferentes nuances: o culto aos ancestrais, as músicas e vestimentas, a beleza poética das danças de deuses, a riqueza simbólica dos mitos e rituais pertinentes ao culto, o sentido da ética e da ecologia e o conhecimento fitoterápico que impregnam a vida cotidiana de uma casa de Candomblé na sociedade contemporânea.

Neste cenário, os negros escravizados transportaram, implantaram e reformularam no Brasil uma prática em saúde determinante de um complexo cultural africano, que se expressa atualmente nos terreiros de Candomblés em infomemórias sobre saberes

ancestrais. Todo o conhecimento em saúde dos povos de terreiro reside em uma estrutura mística trazida frente à diáspora negra no Brasil, que ainda existe e resiste nos centros urbanos e rurais, que se tornam os responsáveis pela cura dos seus adeptos e clientes.

4 PRÁTICAS EM SAÚDE NO CANDOMBLÉ

Juana Elbein dos Santos (1986) afirma que as diversas culturas africanas, trazidas para o Brasil frente à diáspora negra, deixaram suas marcas na arte de tratar e cuidar da saúde de um povo. Muitos desses negros escravizados eram curandeiros que, por meio de práticas divinatórias, do uso de ervas medicinal, transes místicos e rituais específicos, invocavam as forças divinas para propiciar conselhos e intervenções para problemas de saúde.

Mirian Alves e Nédio Seminotti (2009) em seus estudos, "Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro", afirmam que, nos terreiros de Candomblé, os cuidados tradicionais em saúde, se caracterizam por meio do uso de ervas, banhos, dietas e/ou vários ritos, entre eles os de iniciação ao *Òrìṣà*.

Esses dados fortalecem a pesquisa de Célio Garcia (2016), em que o autor compreende os vários procedimentos ritualísticos para o cuidado em saúde em um terreiro de Candomblé, tais como: o jogo de búzios, os *ebós*, o *bori*, as iniciações, o uso das folhas, ervas, raízes e flores, os banhos, as benzeduras, as beberagens, o aconselhamento, etc. O autor ainda afirma que cada tradição religiosa afro-brasileira faz uso de um procedimento ou combinações de procedimentos visando restituir a saúde das pessoas.

Alceu Maynard Araújo (1973, p. 193) destaca:

> A liturgia dos Candomblés relacionada ao emprego dos vegetais é bastante diversificada e complexa, estreitamente ligada ao panteão das divindades afro-brasileiras cultuadas, às quais pertencem as ervas e nelas está depositado o axé (força vitalizadora das divindades). Desse modo, as plantas são empregadas em defumações, beberagens ritualísticas, em preparados especiais com fins específicos como o amaci, ariaché, bori e em banhos. Destacamos os banhos de descarrego, empregados para eliminar fluidos pesados, onde há uma certa variedade de plantas que são utilizadas; as benzeduras para afastar o mau-olhado ou quebranto; os banhos de cheiro empregados para manter a felicidade e afastar as forças negativas e após o período de reclusão dos iniciados no candomblé.

Mirian Alves e Nédio Seminotti (2009), Célio Garcia (2016) e Alceu Maynard Araújo (1973) em uma visão comum em seus estudos sobre a promoção de saúde nos terreiros de

Candomblé, salientam os rituais como uma prática de saúde em uma comunidade de *àṣẹ.* Para os/as iniciados/as nas religiões afro-brasileiras, a doença é um desequilíbrio ou ruptura entre o mundo dos humanos e o mundo sobrenatural. O equilíbrio a partir daí se restabelece pelas práticas rituais, pelo reforço do *àṣẹ* (energia vital).

Vale salientar que, quando o adoecimento espiritual ou emocional atinge o corpo físico, os pais/mães de santo, com o auxílio do oráculo indicam, para além das práticas que ele recomenda, a procura de um médico para tratamento. A combinação de práticas terapêuticas envolvendo a medicina oficial e a medicina dos terreiros é muito comum entre os/as iniciados/as das religiões afro-brasileiras.

Entre os/as adeptos/as da religião, muitas das doenças encontradas entre os seres humanos estão relacionadas a certos *Òrìṣàs*. Exemplos da relação das doenças e seus sintomas com os deuses africanos verificados nos terreiros de Candomblé de nação *Ketu*, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Doenças e Orixás

Doenças epidêmicas (varíola, AIDS) e doenças da pele.	**Oabaluaiê**
Impotência e infertilidade masculina	Xangô e Exu
Aborto, infertilidade feminina, problemas menstruais	Iemanjá e Oxum
Problemas de visão	Oxum
Asma, falta de ar e problemas respiratórios	Iansã
Distúrbios emocionais	Oxóssi e Ossain
Males do fígado, vesícula e ulceras estomacal	Oxóssi e Logun - Edé
Obesidade	Iemanjá, Oxum e Xangô

Fonte: Atagbá: Guia para a Promoção da Saúde nos Terreiros (Silva, Dacach, Lopes, 2005).

A respeito da tabela acima, faz-se importante relatar que são três os *Òrìṣàs* que de fato são responsáveis pelo nosso bem-estar físico. São eles: *Ọ̀ṣàlá - òrìṣà* da vida, responsável pela nossa saúde física e mental; *Ọbalúwáiyé* – tem o poder de controlar e curar as doenças; e *Ọ̀sányìn* – o senhor das folhas e o dono dos remédios (Oxalá, 2023).

Dominique Buchillet (1991) afirma que cada indivíduo, no tocante ao processo saúde/doença, leva em consideração uma organização social, religiosa ou simbólica específica da qual faz parte. A doença assim é pensada e analisada, diante das representações do mundo natural e das forças que a regem, estabelecendo uma relação entre o humano, natural e sobrenatural. Portanto, todo olhar sobre a doença esta presente

nos terreiros de Candomblé em seu contexto sociocultural, sendo atribuída à doença a intervenção de agentes de ordem biológica, social e da ordem cosmológica do mundo.

Todo saber em saúde nos terreiros volta-se à diáspora e ao legado de infomemórias deixado pelos negros no período colonial, nossos ancestrais, e tem uma importância deveras significativa, como relata nosso interlocutor *Òṣósi* (comunicação oral).

> As folhas dentro do terreiro elas são usadas não só na parte litúrgica, mas também na parte da saúde, da medicina alopata, porque são feitos chás, infusões, beberagens, emplastos e esse conhecimento das folhas nos foi deixado pelos nossos mais velhos, pelos nossos ancestrais as quais são passados de pai para filho e daí por diante. Hoje muitas folhas sumiram, se perderam, foram desaparecendo, mas nós ainda temos muita coisa e na medida do possível e na nossa sabedoria vamos usando essas folhas quando necessário, mas antes a gente sempre recomenda que as pessoas procurem um médico também, para que não haja problema, mas realmente o conhecimento das folhas, a sabedoria das folhas, o uso das folhas na cura de problemas de pele, tosses, resfriado e inúmeras coisas sempre foram nos deixado pelos nossos mais velhos. É muito importante o conhecimento das folhas e algumas folhas também serve como alimento.

Em seu relato, *Òṣósi* afirma o uso das folhas não só na prática de saúde, mas também na liturgia do Candomblé, em que as folhas, pertencentes ao *Òrìṣà Ọ̀sányìn*, têm horas para serem colhidas e são rezadas em *yorùbá* antes de serem usadas. Para tal, na hierarquia de um terreiro, existe o cargo de *Bàbálọ̀sányìn* reconhecido como o guardião das folhas sagradas.

Legado de uma ancestralidade, na antiguidade, os Candomblés tinham nos seus espaços verdadeiras matas para o cultivo das plantas e, com a urbanização, este espaço se perdeu e, com eles, como afirma nosso depoente, as folhas foram se perdendo.

Em relação à importância das folhas nas práticas de saúde pela sociedade do santo, Motta (1988) ressalta que esses povos têm o conhecimento dos vegetais, com as suas propriedades terapêuticas e 'mágicas', e, toda folha carrega seu *àṣẹ* para estas comunidades. Mediante isso, o autor afirma que são seus conhecimentos, que irão nortear o seu uso e propiciar a recuperação de um indivíduo. Este processo é reconhecido na cosmologia africana, em que os problemas físicos e mentais são causados pela diminuição ou distanciamento do *àṣẹ*, no qual o vegetal pode atuar para o restabelecimento da unidade perdida, ou seja, da saúde.

Ao legitimarem suas práticas em saúde, os povos de terreiro admitem duas categorias de doenças: as doenças do corpo e as da alma e/ou doenças materiais e

espirituais. São os *Bàbálorisás* e *Ìyálórìsàs* que fazem essa classificação por intermédio do jogo de búzios, como já dito. O *merindilogun* ou oráculo, outros dos nomes do jogo de búzios, atua como orientação e prevenção aos cuidados da saúde**,** servindo para identificar desequilíbrios físicos, espirituais e energéticos. Ele não substitui a medicina convencional, mas funciona como um guia complementar de autoconhecimento e alinhamento.

Vale destacar, que para os sacerdotes, o adoecimento espiritual ou emocional atinge o corpo físico e, nesse caso, torna-se indispensável a procura de um médico. Para eles, "o desequilíbrio espiritual e emocional promove o desequilíbrio orgânico, a chamada "doença de médico ou do homem da bata branca", no linguajar dos terreiros" (França, Queiroz, Bezerra, 2016, p. 107).

Ainda desenvolvendo um trabalho de promoção a saúde, respeitando as infomemórias, a tradição e a visão de mundo das religiões afro-brasileiras, convém relatar as práticas em saúde e higiene pela ocasião de uma iniciação em um terreiro de Candomblé, que apresentam características próprias, conforme afirma *Yemọja* (comunicação oral):

> Em uma iniciação, quando a pessoa se recolhe ele já tem a dilonga e o dilongá, que é a canequinha e o prato em ágata branca. Cada um também tem seu jogo de lençol, tem sua ração (vestimenta), sua própria esponja de banho que é feito com as folhas e ramas da erva melão de São Caetano, tem seu próprio sabão da costa e a gente sempre é acordado de madrugada para tomar nosso banho comum e a maionga (banho de ervas), no seu tempo e horário. Após a maionga é trocado suas rações, suas roupas intimas, seu lençol. O roncó (quarto de recolhimento) é limpo diariamente. Já a cozinha exige muitos cuidados, quando está sendo feita a comida para arriar uma mesa de alimentos. Os cuidados com a louça e a higiene da cozinha são muito importantes e exigem rituais. Na hora de fazer a comida é ascendida uma vela e acompanha um copo de água, porque se entende que quando ascende à chama se está pedindo o bom e o renascimento, luz. Geralmente quando é feito um ato, em que se é arriado uma mesa de alimento para o *òrìṣà*, estes alimentos não ultrapassam 24 horas arriados, isto devido ao cuidado com mosquitos ou vermes decorrentes da deterioração natural visando justamente o cuidado com a pessoa recolhida. Outro dos cuidados é com a navalha para os atos de retirar os cabelos e abrir curas, é usada aquela com laminas de gilete descartáveis que são trocadas em cada ato realizado. E a navalha após o uso passa por uma esterilização e é guardada. Mas as laminas que vão ser usada sempre é aberta na hora e usada somente naquele ato, e depois descartada.

O discurso de *Yemọja* evidencia práticas higiênicas realizadas em uma iniciação religiosa com o objetivo de promover um cuidado com a saúde diante do recolhimento de um neófito no nascer para o *Òrìṣà*. Percebe-se que, para esta ocasião, cada iniciado tem um

enxoval próprio, com elementos necessários que preservarão sua individualidade e consequentemente, o acesso a uma higienização para estabilidade de sua saúde.

Ao citar a cozinha, nossa interlocutora faz menção a uma simbologia ritual característica das casas tradicionais em que a limpeza física e a limpeza espiritual comungam. A cozinha do terreiro, neste sentido, é vista pelos adeptos da religião não só como o espaço físico onde os alimentos são preparados, mas sim como organização física e simbólica do espaço na preservação da saúde física e espiritual. A capacidade de perceber o mundo simbolicamente e reagir a ele liga a prática executada na cozinha a uma dimensão da informação na cosmovisão africana.

Sobre o uso das navalhas, antigamente elas apresentavam corte em seu formato e eram única para todos, sendo entregues ao futuro pai/mãe-de-santo, pelo seu zelador em seu Deká, cerimônia que lhe dá o direito de ter casa e iniciar seus filhos. Com o advento do HIV/AIDS, as diversas lideranças foram convidadas a discutir com os sistemas de saúde sobre as práticas do uso da navalha, o que, diante destes diálogos gerou mudanças nas ritualísticas em que a circulação e cultivo de *àṣẹ*, raspagem e aberturas de curas foram remodelados devido à possibilidade de contaminação durante a iniciação de um *Ìyàwó*. A partir de então, as navalhas utilizadas nesta ritualística são descartáveis, como afirma nossa depoente.

Toda prática ritualística no cotidiano de um terreiro é norteada pela integridade da saúde do sujeito, revelando-se em um bem-estar e equilíbrio do ser humano, pois, como dito, o corpo é a morada do *Òrìṣà*. Apesar de a busca dos indivíduos, por um terreiro de Candomblé por vezes ter outras finalidades, a saúde é para os sacerdotes e sacerdotisas o mais significativo, pois, um corpo equilibrado, com a energia pessoal do filho e do cliente positivada, é fundamental para que o sujeito galgue suas pretensões.

> De um modo geral os terreiros tem o papel de cuidar de saúde. Geralmente as pessoas procuram os terreiros por problemas financeiros, familiares, mas na maioria das vezes as pessoas procuram os terreiros por necessidades voltadas para a saúde, saúde física, psicológica. Então para mim o terreiro é um local privilegiado de cuidados em saúde, e, as práticas exercidas, os *ebós*, banhos de ervas e os ritos que são feitos de um modo geral tende a buscar justamente está pratica do cuidado, quando uma pessoa da religião ou até mesmo um cliente precisa ou está com problemas de saúde. Por exemplo, quando se trata da saúde mental a gente tem sempre a presença de *Ori*, (cabeça, nota nossa) que é o *òrìṣà* primordial que traz a individualidade de cada um de nós. Então se faz uma oferenda, um rito, denominado *Bori*, que é dar comida a cabeça, alimentar esta cabeça para que esta cabeça se fortaleça e tenha equilíbrio em sua vida. Então o terreiro é este lugar de

> prática de cuidado com a saúde e o corpo. Desde a cabeça até todas as pernas e ordens vitais (*Oṣun*, comunicação oral).

Oṣun enfatiza em seu depoimento os vários caminhos feitos pelos seres humanos quando se dirigem aos terreiros para cuidar de seus males materiais e físicos. Entretanto, afirma que a saúde tem prioridade em muitos, no quais *ebós*, banhos e ritos são recomendados pelos *Bàbálorisás/Ìyálórìsàs.* Nicolau Parés (2007) afirma que a busca por práticas de cuidado com o corpo físico já considerava os aspectos espirituais e eram exercidas pelas calunduzeiras ou mandingueiras, no período do Brasil colônia. Ainda no depoimento de nossa interlocutora, percebemos que os itinerários terapêuticos na busca da saúde perpassam um conhecimento infomemorial em que o universo das folhas é o instrumento de prática de saúde nos terreiros.

O universo das folhas ainda aborda os sacudimentos com folhas próprias em um ritual de limpeza espiritual comum nas religiões afro-brasileiras. Indicado para pessoas que estão em baixa energética, o sacudimento consiste em ervas apropriadas passadas pelo corpo da pessoa pelo *Bàbálorisá/Ìyálórìsà* com o intuito de retirar e liberar pensamentos negativos, prevalecendo o equilibrio físico e mental. Ao término, as pessoas são beneficiadas e melhoram bastante.

Falar de sacudimento a memória da pesquisadora retorna para uma ocasião em que, completamente desgastada pelos estudos de mestrado, que exigiam extrema dedicação para o seu término, resolveu deixar os livros de lado e ir uma noite até o terreiro para um determinado encontro. Na hora que encontrei o *Bàbálorisá* e lhe pedi a bênção*,* ele chamou o *Ogan* da casa e mandou que fosse buscar umas determinadas folhas na mata ao lado do barracão. O Ogan na hora argumentou que seria difícil achar as folhas por ser noite, e o *Bàbálorisá* com a maior calma, lhe explicou onde as encontrar.

Após a volta do *Ogan* da mata e de posse das folhas, o sacerdote fez um feixe com elas, me chamou e iniciou uma reza, correndo o feixe de folhas pelo meu corpo. Ao terminar, me mandou para casa e pediu que, ao chegar, me deitasse e, no dia seguinte, dissesse a ele como estava me sentindo. Resumindo, dormi mais de 12 horas naquela noite e acordei leve e com a energia toda renovada.

Outro dos acontecimentos que a memória recordou na escrita deste artigo foi a indicação de banhos de ervas no período atribulado do doutorado. Ao chegar a uma das casas pesquisadas para entrevistas com a *Ìyálórìsà* ela disse: minha filha, entrevista podemos fazer outra hora, agora

vou fazer um banho de ervas porque *Ọṣun* está me dizendo que você está com suas energias muito baixas e pode adoecer. Na hora ainda quis argumentar, mas ela foi taxativa, tomando as ervas nas mãos e quinando. E realmente, após os banhos, recebi uma nova perspectiva na minha saúde mental e física, e hoje agradeço ao Òrìṣà *Ọṣun* pelos cuidados à minha pessoa e às bênçãos recebidas.

Na entrevista de nossa depoente *Ọṣun* ao afirmar a prática do *Bori*, dar comida a cabeça (*ori*), convém salientar que este rito está diretamente relacionado com a manutenção e com a recuperação da saúde mental.. *Ori* é visto pelos/as adeptos/as do Candomblé como elemento de singularidade, pois, ele é único e o primeiro a vir ao mundo. Considerado uma divindade pelos povos de *àṣẹ*, *Ori* é quem acompanha os/as sujeitos/as desde antes do nascimento até depois da morte, sendo "a sede dos sentidos, da inteligência, da memória, do consciente e inconsciente" (Jagun, 2015, p. 25).

Para maior compreensão sobre o *Ori*, recorremos a *Bàbátundé Lawal* (*apud* Beniste, 2002, p. 128), quando fala sobre as expressões artísticas no continente africano:

> Na maioria das esculturas africanas tradicionais, a cabeça é a parte mais proeminente porque, na vida real, é a parte mais vital do corpo humano. Ela contém o cérebro – a morada da sabedoria e da razão; os olhos – a luz que ilumina os passos do homem pelos labirintos da vida; os ouvidos – com os quais o homem escuta e reage aos sons; e a boca – com a qual ele come e mantém o corpo e alma juntos. As outras partes do corpo são abreviadas para enfatizar suas posições subordinadas. Tão importante é a cabeça em muitas sociedades africanas, que ela é adorada como a sede da personalidade e destino do homem.

Nesse sentido, o *Bori* e a conceituação "dar comida à cabeça" representam, por ocasião desse ritual, o fortalecimento do indivíduo, visando a uma prática em saúde para uma cura do desequilíbrio mental. Equivocadamente, muitas pessoas, quando ouvem falar em saúde mental, relacionam com doença mental. Na realidade, ela implica muito mais, relaciona-se à forma como reagimos às exigências da vida e ao modo como harmonizamos nossos desejos, ambições, ideias e emoções.

Ter saúde mental é estar bem consigo mesmo e com os outros, saber lidar com as emoções que são partes de uma vida e reconhecer seus limites. Neste sentido, os rituais de *Bori* transmitidos de geração a geração pelas infomemórias são a prática em saúde que atende a estes quesitos nesta religião.

O modo de compreender e agir no mundo, vivido no terreiro, com seus mitos e ritos, suas crenças, valores e práticas em saúde, "constitui um conjunto de saberes e verdades legítimas em seu contexto que muitas das vezes, se contrapõe e escapa aos saberes e verdades técnico-científicas dos profissionais da medicina" (Alves; Seminotti, 2009, p. 90).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, ao adentrar no sistema infomemorial religioso terapêutico de um terreiro de Candomblé, expressa uma conscientização de que as atenções com a saúde são uma constante nos discursos e nas ações produzidas pelos povos de santo. Para além dos problemas de ordem material e interpessoal, os indivíduos têm na saúde uma das principais causas pela procura de apoio religioso.

No estudo realizado, considera-se que o povo de terreiro mostra ter concepções múltiplas acerca de cuidado em saúde. As práticas em saúde estão vinculadas à limpeza, pautadas numa perspectiva higienista como uma estratégia de legitimação em nossa sociedade, e a outra compreensão dessas práticas é o cuidado fitoterápico e ritos específicos como resultado dinâmico da evolução histórica dos saberes ancestrais transmitidos pela oralidade de uma geração a outra na sociedade do santo, de um modo geral.

As religiões afro-brasileiras possuem um modelo de cuidado e atenção à saúde baseado em saberes ancestrais que perpassa os limites da sociedade ocidental. Nesta religião o indivíduo é pensado como um todo, não dissociado. Pensados conjuntamente, saúde e doença nos terreiros de Candomblé, são binômio que, diante da atenção, compreensão e elucidação desse processo, envolve aspectos religiosos, materiais e sentimentais em práticas não hegemônicas em saúde. No Candomblé, o equilíbrio entre o físico e o espiritual se faz necessário para a afirmação daquilo que se torna elemento indispensável: a manutenção da saúde.

Concluímos que ao adentrar num terreiro de Candomblé, os sujeitos adquirem informações sobre os saberes ancestrais em ervas e ritos, abrindo uma visão e percepção na relação "corpo/mente/òrìṣà", apreendendo uma nova opção no que tange às opções terapêuticas voltadas à saúde. Para os/as adeptos/as desta religiosidade, o equilíbrio desta tríade se faz necessário para que se possa garantir a manutenção da saúde dos iniciados e de todos os religiosos que frequentam uma roça de Candomblé.

Espera-se que a temática abordada neste artigo ganhe novos horizontes no meio acadêmico, revelando outros aspectos como: a) o nome das ervas medicinais utilizadas em um terreiro de Candomblé e sua ação no tratamento de várias doenças; b) as diversas formas de benzimento com folhas sagradas no Candomblé; c) os diferentes banhos com ervas e sua aplicação na saúde de um terreiro.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVES, Miriam C.; SEMINOTTI, Nédio. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, supl. 1, p. 85-91, ago. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000800013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2025.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971. 2 v.

BENISTE, José. **As águas de Oxalá**: àwon omi Òsàlá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BROOKES, Bertram Claude. Theoretical informatics in stage II: mechanization of IR processes. *In*: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. **Theoretical problems of informatics**: new trends in informatics and its terminology. Moscou: VINITI, 1979. p. 10-18.

BUCHILLET, Dominique. Antropologia da doença e os sistemas oficiais de cura. *In*: BUCHILLET, Dominique (org.). **Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia**. Belo Horizonte: MPEG: CNPq: SCT/PR: CEJUP: UEP, 1991. p. 21-44. Disponível em: https://www.kufunda.net/publicdocs/35312.pdf. Acesso em: 22 out. 2026.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/pt_BR/article/view/50263. Acesso em: 22 out. 2026.

FRANÇA, Maria Margarete Luiz; QUEIROZ, Sandra Bonfim; BEZERRA, Waldez Cavalcanti. Saúde dos povos de terreiro, práticas de cuidado e terapia ocupacional: um diálogo possível? **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 105-116, 2016. Disponível em:

http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/1136/690. Acesso em: dez. 2025.

GARCIA, Célio. Saúde e doenças na religião de matrizes africanas. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 249-259, abr./jun. 2016. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4899. Acesso em: dez. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JAGUN, Marcio de. **Ori**: a cabeça como divindade. 1. ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOTTA, Roberto. A cura no xangô de Pernambuco: o rito do amassi como terapia. *In*: PARRY, S. (org.). **Sistema de cura**: as alternativas do povo. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1988. p. 78-88.

NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Concepção infomemorial no campo da ciência da informação: aspectos teóricos e epistemológicos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/download/1773/1823/10625. Acesso em: 22 out. 2026.

OXALÁ, Paulo de. A milagrosa força dos orixás na saúde. **Extra**, [*s. l.*], 2023. Disponível em: https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/04/a-milagrosa-forca-dos-orixas-na-saude.ghtml. Acesso em: jan. 2026.

PARÉS, Luís Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**: padê ásésé e o culto êgun na Bahia. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SILVA, José Marmo da. Religiões e saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 171-177, ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: dez. 2025.

SILVA, José Marmo da; DACACH, Solange; LOPES, Fernanda. **Atagbá**: guia para a promoção da saúde nos terreiros. Rio de Janeiro: Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução a pesquisas sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos, do século XVII ao XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, [*s. l.*], v. 9, n. 4, p. 127-140, dec., 1975. Disponível em: https://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf. Acesso em: 22 out. 2026.